

Medo da eternidade

Dinâmica 4

9º Ano | 3º Bimestre

DISCIPLINA	ANO	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	9º Ano do Ensino Fundamental	O papel das figuras de linguagem no gênero <i>crônica</i> .	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

DINÂMICA	Medo da eternidade.
HABILIDADE PRINCIPAL	H27 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H28 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.
CURRÍCULO MÍNIMO	Identificar a presença de figuras de palavra, de pensamento, de sintaxe nos gêneros estudados.

Professor/a, nesta dinâmica você irá desenvolver as seguintes etapas com seus alunos:

ETAPAS		ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO
1	Apresentação da dinâmica e leitura dos textos motivadores.	Análise e discussão dos textos.	20 min	Toda turma.	Oral/ Individual.
2	Análise dos textos e sistematização dos conteúdos.	Levantamento de figuras de linguagem.	30 min	Grupos de 5 alunos.	Escrito/ Individual.
3	Análise e produção.	Desenvolvimento do conteúdo abordado.	30 min	Toda turma.	Escrito/ Individual.
4	Autoavaliação.	Questão do Saerjinho.	20 min	Toda turma.	Escrito/Individual.

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Texto motivador disponível no material do aluno.
- Exercícios disponíveis no material do aluno.
- Tesoura e cola.
- Revistas e jornais para recortar.

ETAPA 1

APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA E LEITURA DOS TEXTOS MOTIVADORES



ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS TEXTOS

Iniciaremos esta dinâmica com a leitura de uma crônica de Clarice Lispector publicada originalmente no *Jornal do Brasil*. A leitura do texto irá nos proporcionar realizar um contato com a infância da escritora. Atrelado ao gênero crônica, iremos rever o conteúdo das *Figuras de Linguagem* por meio de jornais e revistas atuais. Ao longo da atividade, desenvolveremos também nosso lado cronista. Mãos à obra!

Condução da atividade

- Leia para os alunos o texto motivador da dinâmica.
- Apresente aos alunos os significados das palavras que não pertencem ao universo linguístico deles e que foram apontadas na leitura.

- *Promova um debate sobre a realidade de hoje e a passada. Como deveria ser a realidade da protagonista? Qual foi o primeiro contato com a eternidade? Qual foi o presente que ganhamos que mais nos emocionaram?*



Orientação didático – pedagógica

Professor/a,

O objetivo desta dinâmica é identificar figuras de palavra, de pensamento e de sintaxe nos textos. Escolhemos, nesta atividade, trabalhar com o gênero crônica. Por este gênero ter sido o eixo metodológico do bimestre anterior, acreditamos que os alunos relembrem com bastante facilidade.

A crônica não foi feita originalmente para o livro, “mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas no simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro nós verificamos meio espantados que sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava” (CANDIDO, 1979, p. 6).

O gênero selecionado é muito próximo do cotidiano das pessoas. Desta forma, os alunos sentem-se mais familiarizados com a tipologia textual e conseguem identificar suas rotinas nas linhas desenhadas pelos escritores.



Leia o texto assinalando as palavras que não conhece. Tente entender o seu sentido pelo contexto.

TEXTO I

Medo da Eternidade

Clarice Lispector

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se

tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta.

– Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

E agora que é que eu faço? – Perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

– Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhá-vamos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – Disse eu em fingidos espanto e tristeza. – Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse – repetiu minha irmã – que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra na boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

LISPECTOR, Clarice. Medo da eternidade. In: **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1984. p. 446-8.

ETAPA 2

ANÁLISE DOS TEXTOS E SISTEMATIZAÇÃO DO CONTEÚDO



Condução da atividade

- *Divida a turma em grupos de 5 alunos e conduza a atividade orientando os alunos e dirimindo as dúvidas que surgirão.*
- *Cada aluno deverá colar, no mínimo, uma frase que contenha uma figura de linguagem em seu caderno e copiar as demais.*
- *Ao final da atividade, cada grupo apresentará as frases selecionadas para a turma.*



Orientação didático - pedagógica

Professor/a,

O trabalho com a atividade acima proporcionará aos alunos um olhar analítico para as sequências frasais e criará um olhar mais crítico para os enunciados de propagandas e jornalísticos. Trazer o jornal e a revista para a sala de aula faz com que os alunos percebam esses instrumentos de leitura cotidiana no espaço escolar.

“O jornal é também uma fonte primária de informação, espelha muitos valores e se torna assim um instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social e profissional. Como apresenta um conjunto dos mais variados conteúdos, preenche plenamente seu papel de objeto de comunicação. Mas não só, pois como os pontos de vista costumam ser diferentes e mesmo conflitantes, ele leva o aluno a conhecer diferentes posturas ideológicas frente a um fato, a tomar posições fundamentadas e a aprender a respeitar os diferentes pontos de vista, necessários ao pluralismo numa sociedade democrática. (...) Na formação geral do estudante, a leitura crítica do jornal aumenta sua cultura e desenvolve suas capacidades intelectuais” (FARIA, 1996, p. 11).

Os alunos buscarão indícios que contribuam para a realização da atividade. No manusear os suportes textuais, eles poderão entrar em contato com a leitura do gênero abordado na dinâmica, dado sua veiculação nesses materiais. O trabalho será pautado em quatro ações: descobrir, compreender, explicar, conceituar.



Na crônica apresentada no Texto 1, Clarice Lispector traz para os leitores o relato breve de seu primeiro contato com o chiclete. Ela transforma uma coisa simples do cotidiano em texto. Para a sua construção, a autora utiliza-se de diversas figuras de linguagem já estudadas por vocês. Por exemplo, a comparação utilizada no trecho “*Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava*”, ou a antítese em “*tornando possível o mundo impossível*”. Sabemos que a propaganda utiliza-se bastante das figuras de linguagem para a construção de seus *slogans*. Divididos em grupo, recorte e cole de anúncios de jornais e revistas frases que contenham figuras de linguagem e identifique-as.

A atividade depende da criatividade dos alunos de tal forma que cada resposta será pessoal.



Meus beijos não pagam frete

Os cronistas falam com frequência do seu fazer cronístico, mencionam o que fazem e por que fazem, como se sentem ou o que estava acontecendo quando tiveram uma inspiração cronicável. Lourenço Diaféria, como tantos outros, também faz metalinguagem, aliada ao autorretrato, em Rol de vida:

Li uma vez, na traseira de um caminhão na BR 116, esta frase: “Os beijos que te dou não pagam frete”. É uma frase bonita. Eu a assinaria agora, ao pé destas coisas tolas e fúteis que escrevo, se fosse um cara com autoridade para assinar frases de caminhão. Na verdade, não almejo tanto. Desculpem, mas contento-me em ser apenas um cara do Brás. Todavia meus beijos também não pagam frete.

Gestos pequenos e despercebidos, beijos ou um pãozinho com o café da manhã – com ou sem leite –, é isso que a crônica acaba sendo para o leitor. No jornal, as manchetes trazem, em títulos épicos ou grandiloquentes, o mundo. O mundo em letras garrafais. O susto é a primeira emoção do recém-acordado brasileiro. Às vezes é um susto bom: vai haver um show do nosso cantor predileto (...). Depois de lido, porém, o jornal acaba tendo um final nada nobre, como forrar os caixotes dos cachorrinhos (...). E há a crônica. É lida e... pronto; mas às vezes vamos revê-la, já em forma de livro (BENDER; LAURITO, 1993, p. 42).



ETAPA 3

ANÁLISE E PRODUÇÃO



Condução da atividade

- Oriente seus alunos para a construção individual do texto lembrando a diferença que há entre os gêneros.
- Explore a criatividade dos alunos com exemplos que poderão ser desenvolvidos por eles.
- Ajude a construir um texto em que estejam presentes as figuras de linguagem.
- Trabalhe com os alunos a encadeação lógica dos segmentos narrativos e a utilização de vocabulário mais trabalhado.



Orientação didático – pedagógica

Professor/a,

Agora é o momento de pôr em prática a construção textual dos alunos. Como vimos, a crônica é um texto próximo dos leitores de tal forma mais fácil para sua produção. Na realização da atividade, os alunos podem recorrer aos mesmos recursos estilísticos dos outros gêneros e também às figuras de linguagem.

“Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita. É o que aqui se chama de competência linguística e estilística. Isso, por um lado, coloca em evidência as virtualidades das línguas humanas: o fato de que são instrumentos flexíveis que permitem referir o mundo de diferentes formas e perspectivas; por outro lado, adverte contra uma concepção de língua como sistema homogêneo, dominado ativa e passivamente por toda a comunidade que o utiliza. Sobre o desenvolvimento da competência discursiva, deve a escola organizar as atividades curriculares relativas ao ensino-aprendizagem da língua e da linguagem” (PCN, 1998, p. 23).

Como é feito o chiclete? (Fragmento)

Flávio Fujita

1- A receita do grude é simples. A goma-base, a “borracha” que dá a consistência ao doce, é o principal ingrediente. Antes, a substância vinha da seiva de uma árvore. Hoje, é sintética, feita de vários derivados do petróleo, como resina e parafinas. Além dela, há porções menores de açúcar ou adoçante, xarope de glicose, corantes e aromatizantes.

2- O açúcar é do tipo impalpável, tão pulverizado que fica parecendo um talco. O xarope de glicose adoça e deixa a goma mais pegajosa e macia. A goma-base é derretida a 90° C, e os ingredientes são jogados no misturador. Essa grande panela comporta até 1 tonelada de goma, que fica ali no mexe e remexe por 25 minutos.

3- O passo seguinte é dar forma à maçaroca. No caso das gomas mais encorpadas, rola a extrusão, processo que força a massa por um buraco até que ela saia uniforme e maleável (algo parecido com o apertar de um tubo de pasta de dentes). (...)

4- Se o chiclete for do tipo que possui recheio líquido (feito de xarope de glicose colorido e aromatizado artificialmente), é na fase de extrusão que ele é colocado. Conforme a goma vai sendo empurrada, uma máquina injeta o líquido no centro da massa antes de ela sair pelo buraco.

5- Ao sair da extrusora, a goma ainda está aquecida, meio molenga e difícil de ser cortada. Por isso, o próximo passo é resfriar a mistura. (...)

6- Agora, sim, a goma pode ser cortada sem grudar ou perder a forma. Alguns chicles recebem antes uma polvilhada de açúcar de confeitiro, para tirar um pouco mais do grude. (...)

7- Sabe as gomas de mascar que têm uma casquinha mais dura por fora? É nessa etapa que ela é colocada. Depois de cortadas, as gomas vão para o drageamento. As pastilhas ficam por seis horas em uma grande panela com pás girando, enquanto o sistema de tubulação vai dosando um xarope de açúcar e amido que depois de seco forma aquela camada quebradiça e doce.

8- No fim do estica e puxa, só falta colocar a embalagem. Hoje, nas grandes fábricas, todo o processo é automatizado. Uma máquina vai cortando as folhas de embalagem enquanto outra joga o doce pra dentro. Por fim, uma outra fecha tudo, em um processo tão rápido que nem dá pra ver. Nesse ritmo, dá pra produzir cerca de mil unidades por minuto!

Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-e-feito-o-chiclete>
Acesso em: 20 abr. 2013.



ETAPA 4

AUTOAVALIAÇÃO



QUESTÃO DO SAERJINHO

Orientação didático – pedagógica

Professor/a,

Esse exercício do SAERJINHO por meio do fragmento do texto de Ziraldo proporciona ao aluno uma compreensão além do que está escrito. Esse olhar para as informações implícitas contribuem para um aprendizado que vai além do texto apresentado em sua forma escrita.

“É relativo ao conhecimento de mundo, às vivências e experiências daqueles envolvidos na situação comunicativa. Essa bagagem experimental representa o conjunto de informações advindas do cotidiano, fruto da condição de todos os humanos de ‘estarem no mundo’, e de contextos mais específicos, como o acadêmico, o artístico, entre outros. O conhecimento de mundo vai depender, de fato, da trajetória de vida de cada indivíduo, daquilo que teve oportunidade de ver, sentir, fazer, ler, trocar, enfim, de viver” (MARTELOTTA, 2010, p. 202).

Esse conhecimento de mundo contribui eficazmente para a construção e interpretação das estruturas textuais. Haverá sempre um diálogo entre o texto e o seu leitor, e um exemplo disso é o exercício desta etapa da dinâmica.



Leia o texto:

A melhor coisa do mundo
na casa do menino maluquinho
era quando ele voltava da
escola.
A pasta e os livros
chegavam sempre primeiro
voando na frente.
Depois entrava o menino
com seu pé-de-vento
e a casa ventava
e os quartos cantavam
e tudo se enchia
de som e alegria.

A expressão “... voando na frente...” sugere que a pasta e os livros eram

- a. Devolvidos
- b. **Arremessados**
- c. Entregues
- d. Guardados

Resposta Comentada

A resposta correta é a letra “B”. As frases que seguem o trecho destacado confirmam a questão. A Letra “A” não está correta, pois em nenhum momento remete à ação apresentada. A letra “C” não está correta, pois o fragmento selecionado não traz nenhuma ação associada ao fato da devolução. A letra “D” não está correta, pois em nenhum momento o texto apresenta o cuidado do personagem com seus objetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENDER, F; LAURITO, I. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.
- CANDIDO, A. “A vida ao rés do chão”. In: ANDRADE, C. D; SABINO, F; CAMPOS, P. M; BRAGA, R. **Para gostar de ler – Volume 5**. São Paulo: Ática, 1979.
- FARIA, M. A. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1996.
- MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

LEITURAS COMPLEMENTARES SUGERIDAS

SUGESTÃO DE LEITURA PARA O ALUNO:

- NOGUEIRA, A; REGO, J. L.; QUEIROS, R.; PORTO; S. **O melhor da crônica brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

O livro apresenta crônicas selecionadas de quatro de nossos mais importantes escritores: Armando Nogueira, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Sérgio Porto. É ideal para iniciar o contato com o gênero por

possuir uma seleção escolhida por Cavalcanti Proença.

SUGESTÃO DE LEITURA PARA O PROFESSOR:

- BENDER, F. LAURITO, I. **Crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.

O livro pertence à coleção *Margens do texto* e pretende suprir a necessidade curricular deste gênero textual. Trazendo informações básicas sobre os autores, a seleção das crônicas é precedida por dois capítulos. O primeiro procura resgatar a história do gênero enquanto o segundo traz subsídios teóricos para o trabalho com a crônica.

